

A CONSTRUÇÃO DO ESTEREÓTIPO DISCURSIVO NOS MANUAIS DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA (PLE): ESTUDO DE CASO DO LIVRO SAMBA

THE CONSTRUCTION OF THE DISCURSIVE STEREOTYPE IN MANUALS OF PORTUGUESE AS A FOREIGN LANGUAGE : A CASE STUDY OF THE BOOK SAMBA

Katiuscia Cristina SANTANA (Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil)

Yedda Alves de Oliveira Caggiano BLANCO (Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil)

RESUMO: Os livros didáticos ou manuais de ensino de língua estrangeira (LE), em específico, português como língua estrangeira, tendem a reforçar na sua produção textual um estereótipo que se refere aos aspectos socioculturais da comunidade de fala, no caso, o Brasil. Nesse sentido, o objetivo do artigo é descrever e analisar de que maneira os textos culturais presentes nesses manuais produzem esses estereótipos. Para a fundamentação teórica, usamos os aportes de Amossy; Pierrot (2005) que caracteriza o estereótipo como uma “imagem pré-fabricada”; o conceito de contexto e ideologia de Van Dijk (2012), com ênfase no que o autor denomina de modelo mental, entre outros. O corpus é formado por excertos do livro didáticos de PLE Samba (2020) no qual, pelo método de análise descritiva e analítico, selecionamos textos que abordam questões culturais ou aspectos do Brasil. Como resultado, pretende-se demonstrar como a construção da imagem da cultura brasileira circula nesses discursos e, também, analisar como tal regularidade de construção discursiva torna-se uma prática regular de formação estereotipada.

PALAVRAS-CHAVE: Estereótipo; Livro didático; Português como Língua Estrangeira; Ensino; Discurso

ABSTRACT: textbooks or foreign language teaching manuals (FL), specifically Portuguese as a foreign language, tend to reinforce in their textual production a stereotype that refers to the sociocultural aspects of the speech community, in this case, Brazil. In this sense, the objective of the article is to describe and analyze how the cultural texts present in these manuals produce these stereotypes. For the theoretical foundation, we used the contributions of Amossy; Pierrot (2005) who characterizes the stereotype as a “prefabricated image”; the concept of context and ideology by Van Dijk (2012), with emphasis on what the author calls mental model, among others. The corpus consists of excerpts from the textbook Samba, Portuguese as a foreign language manual, (2020) in which, through the method of descriptive and analytical analysis, we selected texts that address cultural issues or aspects of Brazil. As a result, we intend to demonstrate how the construction of the image of Brazilian culture circulates in these discourses and, also, to analyze how such regularity of discursive construction becomes a regular practice of stereotyped formation.

KEYWORDS: Stereotype; Textbook; Portuguese as a foreign language; Teaching; Discourse

INTRODUÇÃO

Tendo em vista que nos livros didáticos circulam diversos textos para o ensino de uma língua estrangeira e, que seguem parâmetros socioculturais de uma comunidade de fala em sua a construção discursiva, nosso objetivo é analisar como o manual didático (re)produz questões relacionadas à imagem da cultura brasileira e se esta constituição textual reforça os estereótipos desse povo.

Para colaborar o desenvolvimento do trabalho, estruturamos o artigo na seção 1: base teórica, na qual recuperamos os conceitos de estereótipo segundo Amossy; Pierrot (2005), De Carlo (1998), Charaudeau; Maingueneau (2020 [2004]); na seção 2: o livro didático no ensino de língua estrangeira, delimitando a constituição deste tipo de material e as suas vozes discursivas; na seção 3: *corpus* e metodologia, esclarecemos as escolhas feitas e, por fim, na seção 4: análise do *corpus*, verificamos como as questões discursivas são apresentadas no método *Samba*.

Dessa forma, com a construção destas etapas, acreditamos que, embora de forma reduzida, será possível apontar aspectos que delineiam tal questão e, assim, verificar que esses aspectos precisam ser revistos, ou reelaborados para que o livro didático não seja mais um agente de reproduzidor de falácias.

BASE TEÓRICA: A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO DISCURSO ESTEREOTIPADO

Os livros didáticos, geralmente, apresentam nas unidades de ensino tópicos relacionados a questões socioculturais da língua-alvo. De fato, esses estudos são relevantes, mas há de ter em conta que tais manuais deveriam observar como os aspectos contextuais são ali expostos para que não ocorram visões estereotipadas da comunidade de fala em questão.

De acordo com Amossy; Pierrot (2005), a noção de estereótipo se tornou um centro de interesse das Ciências Sociais no século XX. O termo designava as imagens mentais que medeiam nossa relação com o real e apareceu pela primeira vez na obra de Walter Lippman na obra *Opinion Publique* em 1922. Trata-se de representações feitas de esquemas culturais pré-existentes com os quais cada um filtra a realidade, já que as imagens são indispensáveis à vida em sociedade. Sem essas representações, segundo o teórico, seria impossível compreender o real, categorizá-lo e agir sobre ele. Neste sentido, o estereótipo se destaca como um processo de categorização e de generalização, que simplifica e reduz o real, favorecendo uma visão deturpada do outro, levando ao preconceito. O estereótipo simboliza uma crença, uma opinião, uma representação que concerne um grupo e seus membros, enquanto o preconceito designa a atitude adotada em relação aos membros do grupo em questão.

Segundo Charaudeau; Maingueneau (2020 [2004]), no campo da Psicologia Social e da Sociologia, o estereótipo tornou-se sinônimo de representações coletivas cristalizadas, crenças pré-concebidas que, geralmente, eram prejudiciais a grupos ou a indivíduos. Sob o escopo teórico da Análise do Discurso, segundo Amossy; Pierrot (2005), o estereótipo é uma construção de leitura, já que a representação coletiva cristalizada advém quando um alocutário recupera no discurso os elementos lacunares que reconstróem um modelo cultural preexistente. O estereótipo depende da interpretação do alocutário e de seu respectivo conhecimento enciclopédico. Na ótica intercultural, De Carlo (1998) entende que o conceito de estereótipo pode ser interpretado de maneira geral ou específica: a primeira se refere à natureza dos processos mentais e ao seu funcionamento, enquanto o segundo diz respeito às imagens negativas atribuídas a certos grupos sociais, frequentemente desfavorecidos. Assim, a reflexão a respeito da construção de conhecimentos de ordem linguística assim como as de ordem cultural se revela de suma importância.

De Carlo (1998) questiona se é possível abstrair ideias pré-concebidas, uma vez que elas constituem uma passagem obrigatória na compreensão dos sistemas de referência do mundo. Por outro lado, é necessário compreender como o estereótipo se distingue de um clichê, por exemplo. No domínio da psicologia social, ainda de acordo com De Carlo, a classificação e a categorização são processos cognitivos naturais, próprios do ser humano. Segundo a autora:

Os homens tendem naturalmente a organizar a informação proveniente de seu ambiente segundo critérios que dependem de seus objetivos, de suas necessidades e de seus valores. Esses processos respondem à necessidade de operar uma simplificação da realidade, que seria complexa demais para ser gerada em sua totalidade de suas variantes, segundo um critério de economia que nos permite de recorrer a uma tabela de interpretação e de comportamento diante de novas experiências.

[...] O estereótipo consistiria em uma hipergeneralização: se um indivíduo foi colocado em uma categoria na base de um elemento (sexo, cor da pele, língua...), ele é considerado como idêntico a todos os membros sob todos os aspectos. (DE CARLO, 1998, p. 85)75

Em convergência com Amossy; Pierrot (2005), De Carlo salienta que é por meio do discurso que os indivíduos produzem julgamentos sobre eles mesmos e sobre os outros, em função de objetivos e circunstâncias específicas. Para De Carlo, eles não obedecem a mecanismos cognitivos nem um

75 Tradução nossa. No original: Les hommes tendent naturellement à organiser l'information provenant de leur environnement selon des critères qui dépendent de leurs buts, de leurs besoins et de leurs valeurs. Ces processus répondent à la nécessité d'opérer une simplification de la réalité qui serait trop complexe pour être gérée dans la totalité de ses variantes, selon un critère d'économie qui nous permet de recourir à une grille d'interprétation et de comportement face aux expériences nouvelles. [...] Le stéréotype consisterait en une hypergénéralisation : si un individu a été placé dans une catégorie sur la base d'un élément (sexe, couleur de la peau, langue...), il est considéré comme identique à tous les autres membres sous tous les aspects.

ambiente cultural pré-constituído, ou seja, os indivíduos se apoiam em uma gama de imagens e de descrições que dizem respeito ao outro.

Em consonância com De Carlo (1998), Van Dijk (2012) destaca que o discurso é uma construção mental na qual os participantes reproduzem modelos existentes, cuja compreensão “envolve a construção controlada pelo contexto, de modelos mentais baseados em inferências fundamentadas no conhecimento” (Van Dijk, 2012, p. 92). Diante desse fato, os modelos mentais são relevantes para a coerência do discurso, são únicos e exprimem opiniões, emoções – ativam a memória individual e social, além de serem agentes formadores da identidade na construção do *eu-mesmo* e do *ele-mesmo*. Em outras palavras, os modelos mentais possibilitam explicar as diferenças entre os falantes, os comportamentos sociais, as culturas.

Nas questões discursivas, os textos perpassam uma realidade ou um conhecimento que determinado grupo possui do mundo social ao qual pertence, isto é, são processos cognitivos que

[...]interferem na reprodução ideológica e discursiva dos indivíduos, uma vez que os indivíduos não apenas encontram significado na sociedade, mas servem para regular suas práticas; são construídos, usados e modificados pelos atores sociais como membros de um grupo, em práticas sociais específicas e frequentemente discursivas; são construções sociais compartilhadas por um grupo (VAN DIJK, 1999, p.23).

Em decorrência, o discurso é visto como um “evento comunicativo específico” no qual os participantes desempenham determinado papel social, tendo em mente aspectos da situação, do local, da intenção e dos propósitos. (VAN DIJK, 1999).

Por fim, para completar a interface sociocognitiva, é necessário entender a noção de ideologia. Para Van Dijk (2005), as ideologias são crenças que subjazem nas representações sociais compartilhadas por tipos específicos de grupos sociais e que são expressas e adquiridas pelo por meio do discurso (oral ou escrito). A ideologia permite “que os membros organizem e coordenem suas ações (conjuntas) e suas interações com vistas aos objetivos e interesses do grupo como um todo.”

Feitas tais considerações, cabe destacar que as escolhas discursivas feitas nos livros didáticos produzem efeitos, ou seja, elas perpassam uma mensagem, na visão interacionista, os quais devem ser equacionados tanto desde sua emissão quanto da sua recepção, tal como será demonstrado na análise do *corpus* na seção 4.

LIVRO DIDÁTICO E A CONSTRUÇÃO DO ESTEREÓTIPO SOCIOCULTURAL

O livro didático é, na maior parte das vezes, o material mais utilizado para o ensino de uma língua estrangeira. Torna-se, portanto, uma ferramenta importante de acesso às informações em módulos pensados sobre os aspectos do que ensinar e do que aprender nas unidades da lição. Assim, o livro didático, segundo Souza (1999, p. 27), “constitui um elo importante no discurso na corrente do

discurso da competência: é o lugar do saber definitivo, pronto, acabado, correto e dessa forma, fonte última (e às vezes, única) de referência". Torna-se, desse modo, uma ferramenta pedagógica de *segurança* sobre o saber daquilo que é ensinado tanto para o docente como para o aprendiz.

O livro didático, na verdade, é um produto com características próprias que perpassa questões que vão desde sua finalidade até o público que pretende alcançar. Um desses aspectos relaciona-se ao fato de que na sua formulação, ele é constituído por uma dimensão polifônica de autores, organizadores, revisores e linha editorial que “buscam identificar situações, estruturas, tópicos gramaticais e conversacionais que sejam de interesse do público-alvo, mas que atendam também aos anseios – e, muitas vezes, ‘as vozes’- dos editores” (BLANCO, 2021).

Segundo Coracini (1999), cria-se um produto que visa, basicamente, o sucesso mercadológico e, quando há o sucesso de determinado tipo de livro didático, tenta-se até mantê-lo com poucas alterações. Dessa forma, segundo a autora,

as editoras e autores de livro didático, procurando agradar aos destinatários, vão buscar nas 'novas' teorias sobre aprendizagem e ensino, argumentos que reforcem a qualidade do produto, sem contudo, se preocuparem se estão criando algo tão novo assim. (CORACINI, 1999, p. 21)

Já Blanco (2021, p. 84), aponta outro aspecto presente nos livros didáticos, “o posicionamento ideológico que, certamente, está presente nas ações do ensino/aprendizagem de uma língua, pois essas ações trazem um recorte de sociedade e cultura que transpassa a questão puramente linguística”. Em outras palavras, as representações sociais, que de acordo com Van Dijk (2005), tornam-se a base do discurso e das práticas sociais que são “expressas e adquiridas principalmente por meio do discurso, isto é, por meio da interação comunicativa falada ou escrita⁷⁶”. Assim, por exemplo, os modelos conversacionais, que são apresentados ou propostos nas unidades de ensino nesses materiais, reproduzem uma língua padrão quase negando questões de uso ou de oralidade contida nas comunidades de fala.

Outra particularidade do livro didático de LE reside no fato de que eles buscam, nas unidades de ensino, transmitirem questões relacionadas à cultura, aos aspectos histórico-social da língua-alvo. Quando tal fato ocorre, há de observar que:

- existe uma seleção proposital de que fatos são relevantes;
- apresenta uma sequência do contar a história do país;
- determina quais aspectos socioculturais são relevantes.

⁷⁶ No original: "las ideologías son principalmente expresadas y adquiridas a través del discurso, esto es, por interacción comunicativa hablada o escrita."

Nesse sentido, ao reproduzir um cenário informativo, o material busca determinado critério para a sua elaboração, ou seja, há um trabalho de pesquisa e de recorte de ocorrências que não podem ser negligenciados. E, na apresentação desse conteúdo, os livros didáticos parecem dar "certa forma ao conhecimento, 'forma' no sentido de seleção e hierarquização do chamado 'saber'", (SOUZA, 1999, p. 27).

Blanco (2021, p. 86) salienta que "o objetivo de todo livro didático de PLE é fazer com que o/a aprendente seja capaz de sistematizar aspectos de uso da língua-alvo de modo eficaz e, assim, ao estar inserido em um contexto de comunicação com nativos da língua apreendida, possa ser capaz de expressar e articular as ideias, bem como ser capaz de compreender e interpretar o que lhe é dito adequadamente".

Assim, ao trazer à tona, a importância do uso da língua para uma comunicação efetiva inserida no contexto da produção da comunidade de fala, enfatiza também a importância de conhecer questões culturais desse grupo. Portanto, vemos que o conhecimento de práticas sociais fundadas em relações culturais é de extrema importância para o conhecimento do aprendente. Segundo Rajagopalan (2009), as identidades dos aprendentes de uma língua sofrem um processo de renegociação e de realinhamento quando há o contato entre pessoas, entre povos e entre as culturas. De acordo com o autor,

É por esse motivo que se torna cada vez mais urgente entender o processo de 'ensino-aprendizagem' de uma língua "estrangeira" como parte integrante de um amplo processo de redefinição de identidades. Pois as línguas não são meros instrumentos de comunicação, como costumam alardear os livros introdutórios. As línguas são a própria expressão das identidades de quem delas se apropria. Logo quem transita entre diversos idiomas está redefinindo sua própria identidade. Dito de outra forma, quem aprende uma língua nova está se redefinindo como uma nova pessoa. (RAJAGOPALAN, 2009, p. 69)

Nesse contexto, quando os livros didáticos abordam a temática cultural, precisam estar atentos para não reproduzirem fórmulas estereotipadas enraizadas em um grupo que tem o poder de veicular o conhecimento. Como afirma Rajagopalan (2012, p. 68), "as marcas nítidas e inconfundíveis de um posicionamento ideológico aparecem onde menos se espera sua presença, quando ninguém, via de regra, suspeita do seu funcionamento".

CORPUS E METODOLOGIA

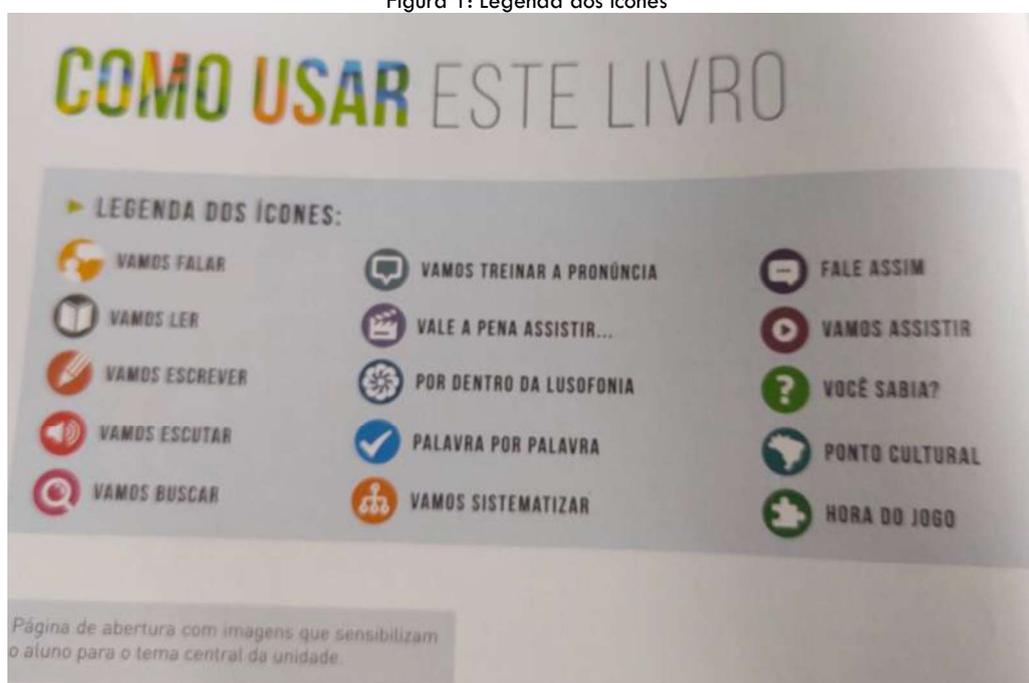
O *corpus* para este estudo é formado pelos discursos sobre temas socioculturais do Brasil presentes na obra *Samba*. Elegemos esse livro didático de PLE devido à sua aceitação pelos professores de PLE e pela atualidade editorial da obra.

Quanto à descrição do livro, é de autoria de Andrea Ferraz e Isabel M. Pinheiro, pertence à editora Autêntica e está em sua primeira edição (2020). Na "Apresentação", os autores informam que

a obra tem a proposta de fazer "um percurso de descoberta da língua portuguesa e da cultura brasileira", de forma que "oferecemos aos alunos e professores de português brasileiro um instrumento de desenvolvimento linguístico como (inter)cultural. Cheio de dicas, curiosidades, projetos e atividades interativas, buscamos desenhar este método como se fosse uma janela aberta para a diversidade do Brasil, esse país continente, e da lusofonia."

O objetivo do método é que o aprendente reconheça a língua e a aproximação intercultural como elementos indissociáveis, desenvolvendo "o saber fazer, o saber falar e o saber ser no contexto brasileiro". Na sua forma estrutural, o livro se apresenta em um único volume de nível básico A1 - A2, segundo o Quadro Europeu de Referência, dividido em nove unidades situacionais que são compostas pelas seguintes partes:

Figura 1: Legenda dos Ícones



Fonte: Samba, página s/n

Inicialmente, pensamos em analisar os tópicos marcados pela seção "Ponto Cultural" representada pelo mapa do Brasil, mas observamos que o livro também trata das questões culturais em outros tópicos descritos acima. Nesse sentido, fizemos um levantamento de todos os trechos de cada unidade relacionados ao tema e, a partir dessa seleção, dividimos os textos em categorias que englobasse:

1. a descrição dos aspectos físicos do povo brasileiro (textos relacionados aos aspectos fenotípicos do povo);
2. a descrição comportamental da sociedade brasileira (textos relacionados a hábitos e costumes) e
3. a apresentação da diversidade cultural (textos que explicam aspectos da nossa particularidade cultural).

Para maior detalhamento e compreensão do fenômeno, o método de análise é descritivo-analítico com pesquisa qualitativa, na medida em que o estudo busca um eixo comum, a partir das

categorizações por meio da seleção de enunciados representativos da temática sociocultural presente neste livro didático para explicar como o estereótipo é (re)produzido ou não nele.

ANÁLISE DO CORPUS

Para averiguar como o livro *Samba* apresenta os tópicos culturais nas unidades de ensino, vamos analisar esses tópicos a partir das categorias detalhadas na metodologia. Vejamos:

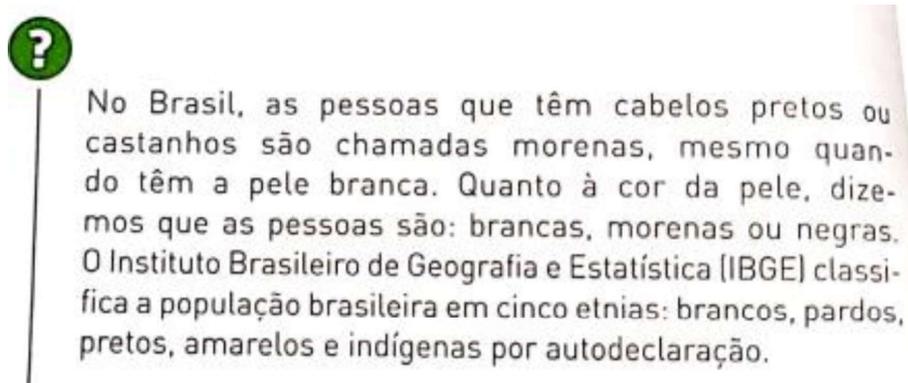
DESCRIÇÃO DOS ASPECTOS FÍSICOS DO POVO BRASILEIRO

De forma geral, os livros didáticos tendem a negar a constituição histórico-formativa do povo brasileiro e, essa constatação também se faz presente no livro *Samba*. O manual, como descrito anteriormente, trata de temas culturais, mas não se preocupa em dar uma explicação contextual sobre questões da nossa formação indígena, portuguesa, africana e dos imigrantes. Tal ausência informativa leva a abordagem da temática cultural ser reduzida a um micro-tema com a finalidade didática de fazer o aprendente praticar a língua, mas não entender de fato a questão da culturalidade expressa nela. Nesse sentido, há uma reprodução de estereótipos dos discursos. Na Unidade 1, intitulada "Eu sou assim - A descrição física", há a apresentação do povo brasileiro. Vejamos:

1.1 ESTEREÓTIPO ÉTNICO:

Nessa unidade tem-se a descrição do povo brasileiro.

Figura 2: Eu sou assim



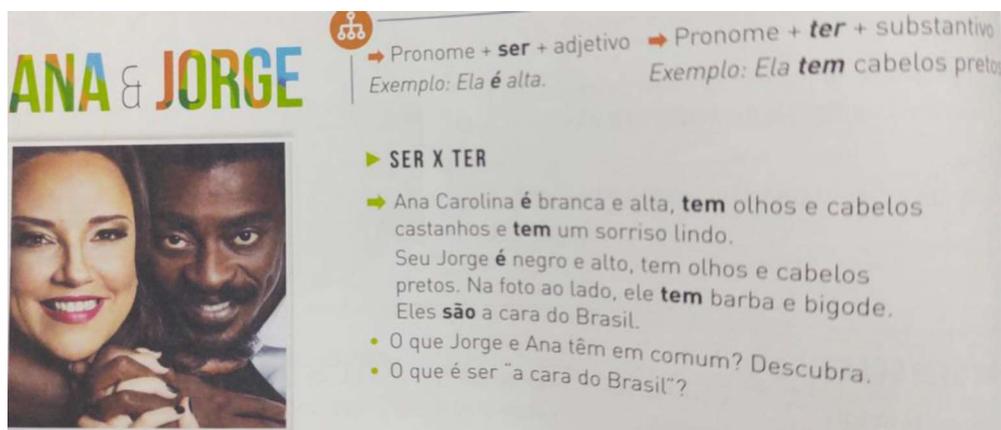
Fonte: *Samba*, p. 40

A descrição do povo dá-se pelo aspecto físico de modo geral, sem particularidades. Tal descrição poderia ser de qualquer povo de qualquer parte do mundo.

Para dar uma base factual ao texto, cita-se o IBGE como fonte da classificação da população; entretanto, não apresenta os dados do último censo estatístico: quantos brancos?, negros? pardos? índios? - assim, constrói-se um discurso que inviabiliza conhecer quem são os brasileiros.

Ainda, na mesma unidade, o manual apresenta o texto abaixo:

Figura 3: A cara do Brasil



Fonte: *Samba*, p. 40

A construção textual dá-se por oposição entre as particularidades físicas de Ana Carolina, branca e de Seu Jorge, negro. A questão em si não é a apresentação física, mas a afirmação sem contexto de que “eles são a cara do Brasil”.

Também, o livro didático se exime de expressar um posicionamento e coloca na pergunta “O que é ser ‘a cara do Brasil?’” para que o aprendente opine sobre o tema.

Como pontuamos com Rajagopalan (2012), não há uma neutralidade na produção de materiais didáticos, visto que somos sujeitos atravessados por diversos vieses de constituição sócio-culturais. Nesse sentido, o texto “A cara do Brasil” seleciona e apresenta ideologicamente *aquilo* que determinados grupos homogêneos compreendem sobre o nosso povo - não deixando espaço para a abordagem social da formação brasileira. Assim, cria-se uma formação estereotipada da “cara do Brasil”, composta de dois polos, o branco e o negro. E, ainda, apesar do manual trazer como fonte os dados do IBGE na Figura 1, nota-se que são aspectos genéricos da população que poderiam se enquadrar em qualquer outra cultura.

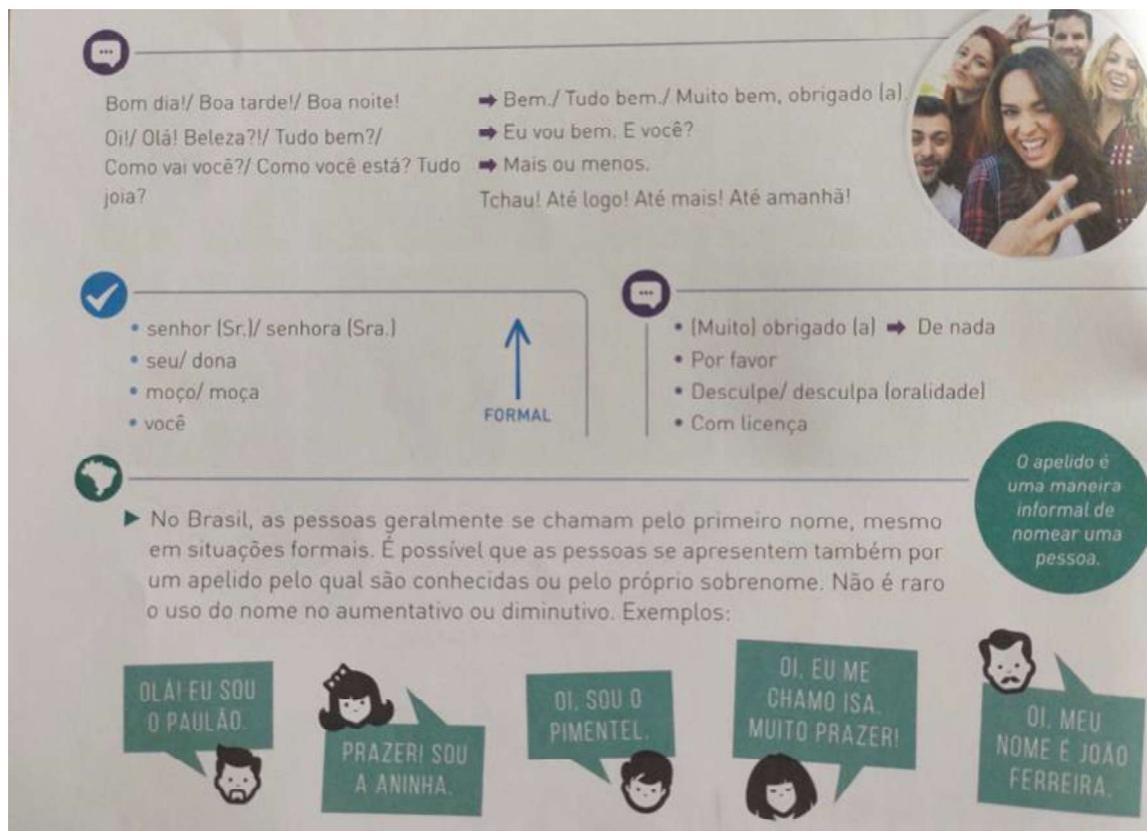
Na categoria seguinte, procuramos observar como o manual destacou as questões de comportamento.

DESCRIÇÃO COMPORTAMENTAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA:

Este livro procura dar um tom de informalidade em relação à ideia de comportamento do povo brasileiro. Assim, as fotos apresentadas nas ilustrações tendem a ser de um povo jovem, alegre, esbelto, com poucas imagens de negros, velhos e indígenas. Nesta categoria, pode-se observar as subcategorias:

2.1 DESCONTRAÇÃO E INFORMALIDADE:

Figura 4: Como vai você?



Fonte: Samba, p. 20

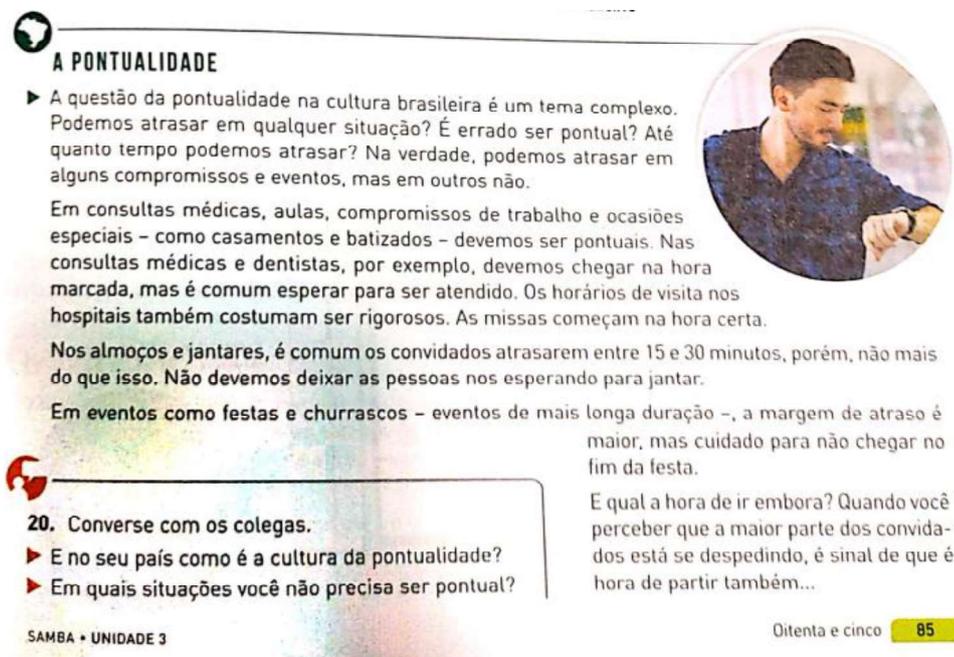
Nessa unidade mostra a intimidade dos chamamentos, como: “sou a Aninha”, “Eu me chamo Isa” - esses exemplos são marcados pela particularidade da auto denominação de ser “a Aninha” ou do apelido “Isa”, atributos geralmente dados por outras pessoas e não na auto apresentação. Nesse sentido, com ênfase nestas formas de tratamento informais passam a falsa ideia da nomeação ou titulação mais formal ser quase que ausente na nossa sociedade.

O uso das formas de tratamento é um tópico que deveria ser mais esclarecido nos livros didáticos, pois, apesar de serem convencionalizadas culturalmente, “não é possível restringi-las ao aspecto gramatical – ou gramaticalizado – de referência. Assim, faz-se necessário atender a aspectos como o uso pragmático-estratégico, que revela questões maiores que devem ser consideradas na sua compreensão. (BLANCO, BLANCO, 2018, p. 100). Assim, para compreender se seu uso é adequado há de “destacar, na interação, fatores como o contexto geral, o contexto específico, a relação entre os participantes, o grau de intimidade entre eles etc.”(BLANCO, BLANCO, 2018, p. 98), tais elementos tornam-se fundamentais para entender se os interlocutores são corteses ou não.

2.2 FALSA NEUTRALIDADE CULTURAL

Outro tópico presente nesta categoria, diz respeito ao comportamento do brasileiro em relação à pontualidade. Observe:

Figura 5: Curiosidades sobre os hábitos dos brasileiros



A PONTUALIDADE

▶ A questão da pontualidade na cultura brasileira é um tema complexo. Podemos atrasar em qualquer situação? É errado ser pontual? Até quanto tempo podemos atrasar? Na verdade, podemos atrasar em alguns compromissos e eventos, mas em outros não.

Em consultas médicas, aulas, compromissos de trabalho e ocasiões especiais – como casamentos e batizados – devemos ser pontuais. Nas consultas médicas e dentistas, por exemplo, devemos chegar na hora marcada, mas é comum esperar para ser atendido. Os horários de visita nos hospitais também costumam ser rigorosos. As missas começam na hora certa.

Nos almoços e jantares, é comum os convidados atrasarem entre 15 e 30 minutos, porém, não mais do que isso. Não devemos deixar as pessoas nos esperando para jantar.

Em eventos como festas e churrascos – eventos de mais longa duração –, a margem de atraso é maior, mas cuidado para não chegar no fim da festa.

E qual a hora de ir embora? Quando você perceber que a maior parte dos convidados está se despedindo, é sinal de que é hora de partir também...

20. Converse com os colegas.

- ▶ E no seu país como é a cultura da pontualidade?
- ▶ Em quais situações você não precisa ser pontual?

SAMBA • UNIDADE 3 Oitenta e cinco 85

Fonte: *Samba*, p. 85

O enunciado “A questão da pontualidade na cultura brasileira é um tema complexo” nos revela que os enunciadores do material não querem assumir um posicionamento sobre o assunto. Na sequência, o texto faz uma série de questionamentos e afirma categoricamente que “na verdade, podemos atrasar em alguns compromissos” e, apresenta uma série de exemplos de eventos que podem ter ou não o rigor da pontualidade.

Com a colocação “A questão da pontualidade é um tema complexo”, o eu-enunciador do texto revela indiretamente que o atraso é comum na cultura brasileira, embora não a coloque em evidência. O texto sobre a pontualidade procura não caracterizar o brasileiro como não cumpridor de horários, ou seja, tenta deixar para o /a aprendiz as considerações a serem feitas - haja vista a série de questionamentos feitos.

O foco se desloca da nossa formação cultural para o ato de atrasar em si - como um aspecto individual. Entretanto, há estudos que relacionam o atraso como um aspecto sociocultural do Brasil que vem desde a época dos domínios portugueses⁷⁷ no qual o atraso relacionava-se ao poder ou à influência da pessoa que fazia o outro esperar.

⁷⁷ Sobre nossa pontualidade, o programa Fantástico da rede de TV Globo fez a matéria que pode ser vista em <<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2017/11/falta-de-pontualidade-comeca-com-chegada-da-familia-real-portuguesa.html>>.

Aspectos culturais distintos devem ser mais bem esclarecidos para aquele que aprende não entenda a cultura da falta de pontualidade como algo descortês ou rude no comportamento brasileiro, mas compreenda que é algo *cultural* distinto da língua materna do aprendente.

Na realidade, os homens se relacionam entre eles de maneira simbólica por meio de generalizações e de "rótulos" que os permitem definir de modo sintético e imediato características, papéis e expectativas de comportamento; mas tendo em vista que o conhecimento é inevitavelmente antropocêntrico e que a identidade pessoal, grupal ou nacional se constrói em oposição aos outros, o outro é definido na base de sua diversidade: para aqueles que ocupam um espaço próximo do nosso, nós utilizamos o estereótipo desvalorizado, para as culturas longínquas, nós temos, preferencialmente, a tendência de usar o estereótipo do exotismo. (DE CARLO, 1998, p.86)⁷⁸

Para De Carlo, o que nós somos depende não só da maneira como nós nos vemos, mas também da imagem que os outros fazem da gente, de nossa relação com eles e o que eles representam a nossos olhos. Nesse sentido,

Nossa hipótese é que o estereótipo, enquanto imagem da alteridade, é constitutivo da identidade de cada um. Se a identidade pode ser definida como a ideia que cada um faz de si mesmo e que compreende a história pessoal, as opiniões no que se refere às suas capacidades, suas possibilidades e suas expectativas, a definição de seu lugar no mundo, etc., ela não é, contudo, o resultado de uma escolha individual e deliberada, mas aquela de uma confrontação contínua, um percurso que o indivíduo aprende a se conhecer e a construir sua imagem em relação à imagem de seu próprio grupo, de outros grupos e das relações entre os grupos. (DE CARLO, 1998, p.88)⁷⁹

O próximo tópico ainda faz parte da categoria comportamental, mas apresenta-se de modo mais genérico quanto à formulação. Assim, temos:

⁷⁸ Tradução nossa. No original: En réalité, les hommes entrent en relation entre eux de façon symbolique par des généralisations et des « étiquettes » qui leur permettent de définir de façon synthétique et immédiate caractéristiques, rôles et attentes de comportements; mais puisque la connaissance est inévitablement anthropocentrique et que l'identité personnelle, de groupe ou nationale se construit en opposition aux autres, l'autre est défini sur la base de sa diversité : pour ceux qui occupent un espace proche du nôtre, nous utilisons le stéréotype dévalorisant, pour les cultures lointaines, nous avons plutôt tendance à utiliser le stéréotype de l'exotisme.

⁷⁹ Tradução nossa. No original: Notre hypothèse est que le stéréotype, en tant qu'image de l'altérité, est constitutif de l'identité de chacun. Si l'identité peut être définie comme l'idée que chacun se fait de soi-même et qui comprend son histoire personnelle, les opinions concernant ses capacités, ses possibilités et ses attentes, la définition de sa place dans le monde, etc., elle n'est pas pour autant le résultat d'un choix individuel et délibéré, mais celui d'une confrontation continue, au cours de laquelle l'individu apprend à se connaître et à construire son image par rapport à l'image de son propre groupe, des autres groupes et des rapports entre les groupes.

2. 3 HÁBITOS CULTURAIS GERAIS:

Figura 6: Curiosidades sobre os hábitos dos brasileiros



Fonte: Samba, p. 85

A lista mostra uma série de hábitos tidos como típicos do povo brasileiro, como abraçar fortemente, tomar mais de um banho por dia, ir à manicure etc. Essa apresentação carece de contextualização, pois passa a ideia de que todos os brasileiros seguem a mesma conduta.

De fato, cada povo re(produz) um modelo de comportamento, como explica Van Dijk, mas não necessariamente, a ideia de que todos do grupo compartilham dos mesmos valores ali listados. Quando apresentamos listas ou esquematizações de uma cultura, reduzimos a sua diversidade e diferenças regionais. O manual didático deveria, talvez, apresentar alguns fatos mais pontuais, estatísticos, por exemplo, para a exemplificação das possibilidades culturais do povo brasileiro.

3. APRESENTAÇÃO DA DIVERSIDADE CULTURAL

Nesta categoria foram listados aspectos que expressam a cultura por meio da objetificação cultural, ou seja, as representações que fazemos de nossa sociedade.

A primeira representação mostra um dado sobre o costume dos visitantes quando vão à Bahia. Vejamos:

3. 1 REPETIÇÃO DE DADOS SEM BASE TEÓRICA SÓLIDA

Figura 7: As cores e a cultura do Brasil



No Brasil as pulseiras do Senhor do Bonfim são usadas para fazer três desejos. Amarra-se a pulseira com duas voltas e três nós. Quando ela se rompe, acredita-se que os desejos são realizados.

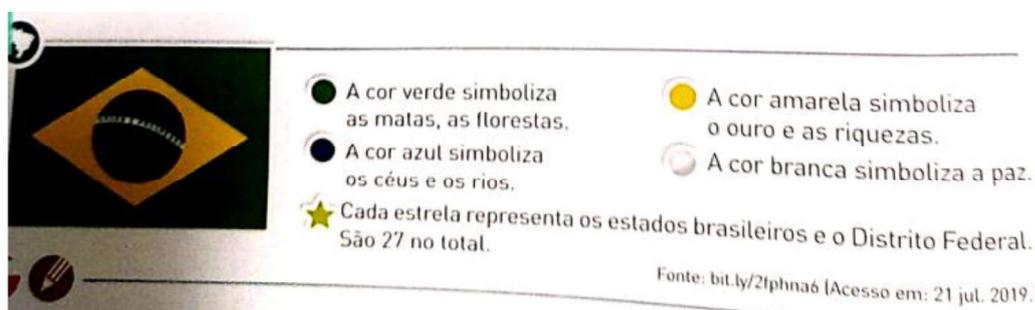


Fonte: *Samba*, p. 24

Apresenta-se o dado cultural, as pulseiras do Senhor do Bonfim, mas não esclarecem de onde vem tal costume⁸⁰, não mencionam a importância histórica dessa construção representativa. Reproduzem um discurso aparentemente neutro, mas que escondem as origens de tal uso e mesmo as raízes africanas características desta igreja “Senhor do Bonfim”.

Outra repetição de dados sem base teórica é apresentada quando se descreve a bandeira do Brasil.

Figura 8: As cores e a cultura do Brasil



Fonte: *Samba*, p.24

Aqui temos uma repetição de dados que já foram contestados⁸¹ por outros teóricos sobre a representatividade das suas cores.

Ainda, em relação à representatividade, na unidade 4 do manual, os autores introduzem utensílios que seriam típicos do Brasil. Aqui a apresentação é mais generalizante, dando a possibilidade de entender que são objetos que estão ou não presentes nos lares brasileiros.

⁸⁰ “ Os primeiros registros da fitinha do Bonfim são de 1809 e quem a criou foi o tesoureiro da Devoção de Nosso Senhor do Bonfim, Manoel Antônio da Silva Serva, com o objetivo de conseguir recursos para a igreja no século XIX. Desde que a Devoção foi fundada, em 1745, ela mantém a Basílica do Nosso Senhor do Bonfim, igreja que fica no bairro Bonfim, em Salvador.”. Disp. em: <<https://www.salvadorbahia.com/10-historias-e-curiosidades-sobre-as-fitinhas-do-bonfim/>> . Acesso em 04/02/2022.

⁸¹ Sobre o significado das cores e formas da bandeira brasileira. Disponível em: <<https://www.una.br/blog/saiba-o-significado-das-cores-e-dos-elementos-da-bandeira-brasileira/>>.

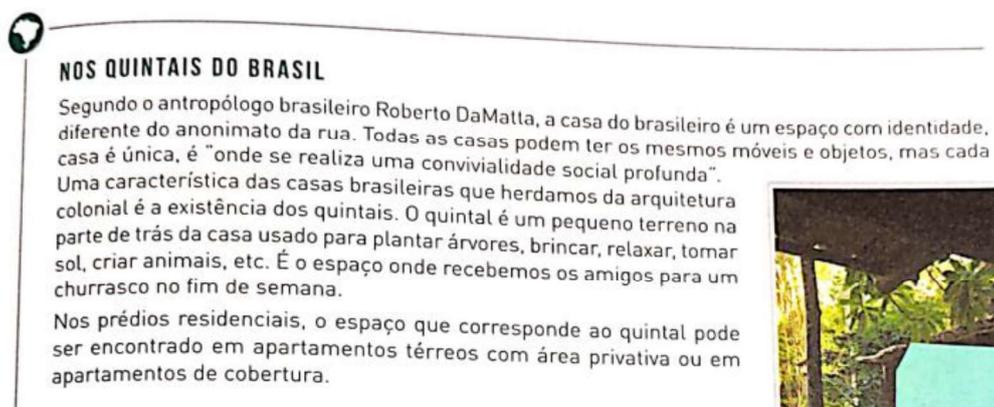
Figura 9: Objetos da cultura brasileira



Fonte: Samba, p. 107

Por último, nesta categoria, na unidade 4, temos a representação das moradias brasileiras:

Figura 10: Nos quintais do Brasil



Fonte: Samba, p. 107

A construção discursiva dá a entender que todos os brasileiros possuem uma casa com quintal e que ela representa uma convivência social que diz ser “profunda”.

A questão que se apresenta é o fato da informação dar a entender que as casas são todas possuidoras de quintais, pois “herdamos” das colônias essa característica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do artigo era mostrar como o livro didático retrata as questões culturais do Brasil e de que forma esta repetição discursiva reforça os estereótipos sobre o povo brasileiro. Para desenvolver esse foco, usamos o livro de PLE Samba e selecionamos trechos sobre as questões

socioculturais. A partir da categorização dos textos escolhidos, pode-se verificar uma limitação dos tópicos relacionados à cultura do Brasil e ao mesmo tempo se restringe à uma falsa neutralidade. A riqueza cultural é selecionada de forma a pensar o povo/cultura de modo restrito, sem abordar a diversidade da nossa formação étnica-cultural e histórica. Por exemplo, na categoria "Descrição dos aspectos físicos do povo brasileiro", o povo retratado fica reduzido às faces de Ana Carolina e Seu Jorge (Figura 2).

Em relação à falsa neutralidade, a visão comportamental do povo brasileiro é mostrada de forma a levar o aprendente a imaginar a nossa sociedade "sem defeitos", ou seja, quando abordou a questão da pontualidade, o texto apresentado no material tentou ser isento de opinião. No manual, a questão da pontualidade é tratada como "um tema complexo", evita-se o aprofundamento do assunto por meio de perguntas que não são respondidas no material didático, tais como "Podemos atrasar em qualquer situação?", "Até quanto tempo podemos atrasar?".

No que concerne à identidade do Brasil, em suas particularidades, a obra generaliza e prescreve fórmulas comportamentais do povo brasileiro que reforçam estereótipos não necessariamente verdadeiros. Dessa forma, o manual colabora nas generalizações típicas dos estereótipos, deturpando a representação sociocultural brasileira.

Apesar dos avanços na elaboração de um material didático atual de português para estrangeiros, é necessário que o mercado editorial se atente não só às questões linguísticas, mas também culturais, especialmente para que não haja o reforço de estereótipos negativos do povo brasileiro no exterior.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, R.; PIERROT, A.H. *Stéréotypes et clichés*. Paris: Armand Colin, 2005.

BLANCO, Y. A. O. C. BLANCO; R. C. H. C. O uso estratégico das formas de tratamento corteses para expressar descortesia e vice-versa. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 18, n. 2, p. 93-113, 2018. doi:10.5935/cadernos-letras.v18n2p93-111.

BLANCO, Yedda Alves de Oliveira Caggiano. *A relação entre imagem e atenuação pragmática na análise de livros didáticos de Português para estrangeiros (PLE)*. 2021. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2021. doi:10.11606/T.8.2021.tde-23072021-155041. Acesso em: 2022-02-23.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2020 [2004].

CORACINI, Maria José Faria. O livro nos discursos da linguística aplicada e da sala de aula. In: CORACINI, M. J. (Org.). *Interpretação, autoria e legitimação do livro didático: língua materna e língua estrangeira*. Campinas: Pontes, 1999, p. 15-26.

DE CARLO, Maddalena. *L'interculturel*. Paris: CLE international, 1998.

RAJAGOPALAN, K. Língua estrangeira e autoestima. In: RAJAGOPALAN, K. Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola, 2009, p.65-70.

RAJAGOPALAN, K. O papel eminentemente político dos materiais didáticos de inglês como língua estrangeira. In: SCHEYERL, D.; SIQUEIRA, S. (Org). Materiais didáticos para o ensino de línguas na contemporaneidade: contestações e proposições. Salvador: Editora da UFBA, 2012, p. 57-82.

SOUZA, Deusa Maria. "Autoridade, autoria e livro didático". In: CORACINI, M. J. (org.). Interpretação, autoria e legitimação do livro didático. Campinas: Pontes, 1999, p. 27-31.

VAN DIJK, Teun A. (1999). Ideología de una aproximación multidisciplinaria. Barcelona: Ed. Gedisa.

VAN DIJK, Teun A. (2005). Ideología y análisis del discurso. Utopía y Praxis Latinoamericana. Afio 10. N° 29 (Abril-Junio, 2005) pp. 9 – 36, Revista Internacional de Filosofía Iberoamericana y Teoría Social / ISSN 1315-5216.CESA - FCES - Universidad del Zulia. Maracaibo-Venezuela.

VAN DIJK, Teun A. (2012). Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva. Tradução de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.